



O FIO INDIVISÍVEL DA EDUCAÇÃO

ROGÉRIO GONÇALVES revela como a união entre Educação em Direitos Humanos, Educomunicação e Gestão Democrática contribui para a melhoria do ensino público no município de São Paulo.

MUITO ALÉM DAS PÁGINAS



MULHERES
BIOGRAFIAS
QUE INSPIRAM



Coordenaram esta edição: Manuel Francisco Neto / Maria Mbuanda Caneca Gunza Francisco / Vilma Maria da Silva

<https://primeiraevolucao.com.br>



<https://doi.org/10.52078/2675-2573.rpe.64>

Editor Responsável: Antônio Raimundo Pereira Medrado
Editor correspondente (ANGOLA): Manuel Francisco Neto

Coordenação editorial:

Ana Paula de Lima
Andreia Fernandes de Souza
Antônio Raimundo Pereira Medrado
Isac dos Santos Pereira
José Wilton dos Santos
Vilma Maria da Silva

Coordenação editorial (Angola):

Manuel Francisco Neto
Maria Mbuanda Caneca Gunza Francisco

Com. de Avaliação e Leitura:

Prof. Dr. Adelfson Batista Lins
Prof. Me. Alexandre Passos Bitencourt
Profa. Esp. Ana Paula de Lima
Profa. Dra. Andreia Fernandes de Souza
Profa. Bianca de Assis Pirahy
Profa. Dra. Denise Mak
Prof. Me. Edson da Conceição Graça (Angola)
Prof. Me. Isac dos Santos Pereira
Prof. Dr. Manuel Francisco Neto (Angola)
Profa. Ma. Maria Mbuanda Caneca Gunza Francisco (Angola)
Profa. Esp. Mirella Clerici Loayza
Prof. Me. Tavares dos Santos Muhongo (Angola)
Profa. Dra. Thaís Thomaz Bovo
Prof. Me. Wilder Dala Quinjango (Angola)

Bibliotecária:

Patrícia Martins da Silva Rede

Colunistas:

Prof. Dr. Adelfson Batista Lins
Profa. Bianca de Assis Pirahy
Prof. Dr. Isac Chateaneuf
Jornalista João Domingos Terin (William Terin)
Profa. Ma. Cleia Teixeira da Silva
Prof. Me. José Wilton dos Santos
Profa. Esp. Mirella Clerici Loayza

Web-edição:

T.I Lee Anthony Medrado

Contatos

Tel. 55(11) 99543-5703
Whatsapp: 55(11) 99543-5703
primeiraevolucao@gmail.com (S. Paulo)
netomanuefrancisco@gmail.com (Luanda)
<https://primeiraevolucao.com.br>

Imagens, fotos, vetores etc:

<https://publicdomainvectors.org/>
<https://pixabay.com>
<https://www.pngwing.com>
<https://br.freepik.com>

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Revista Primeira Evolução [recurso eletrônico] / [Editor] Antonio Raimundo Pereira Medrado. – ano 7, n. 64 (abr. 2026). – São Paulo : Edições Livro Alternativo, 2026. 222 p. : il. color

Bibliografia

Publicação contínua desde 2020.

Bimestral

e-ISSN 2675-2573

Disponível apenas online.

Modo de acesso: <https://primeiraevolucao.com.br>

DOI: <https://doi.org/10.52078/2673-2573.rpe.64>

1. Educação – Periódicos. 2. Pedagogia – Periódicos. I. Medrado, Antonio Raimundo Pereira, editor. II. Título.

CDD 22. ed. 370.5

Patrícia Martins da Silva Rede – Bibliotecária – CRB-8/5877

Em parceria com:



São Paulo | 2026

Publicada no Brasil por:

Livro Alternativo
www.livroalternativo.com.br

CNPJ: 28.657.494/0001-09

05 EDITORIAL

Antonio R P Medrado

06 Catalog'Art; Naveg'Ações de Estudantes

Isac Chateaneuf

07 Sobre filas, silêncios e aprendizados invisíveis

Mirella Clerici

08 Ciência, Tecnologia & Sociedade

Adeilson Batista Lins

14 POIESIS

J. Wilton

16 O FIO INDIVISÍVEL DA EDUCAÇÃO - Rogério Gonçalves

J. Wilton e Cleia Teixeira



ARTIGOS

1. A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INFANTIL NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO <i>Adriana Silva de Santana Barros</i>	25
2. CONHECIMENTO DOS MORADORES DO ZANGO III SOBRE O USO DE MEDICAMENTOS PARA O TRATAMENTO DA OXIÚROS NO SEGUNDO SEMESTRE DE 2025 <i>Aldair de Jesus Adão / Calunda dos Santos Jorge</i>	31
3. DESAFIOS, AVANÇOS E CAMINHOS PARA UMA EDUCAÇÃO VERDADEIRAMENTE INCLUSIVA <i>Ana Cristina Ogando Gomez de Carvalho</i>	36
4. O ENSINO DE HISTÓRIA E AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NA ESCOLA PÚBLICA <i>Ana Elisa Bagó de Oliveira</i>	42
5. ENTRE O BRINCAR E O APRENDER: AS METODOLOGIAS ATIVAS COMO POSSIBILIDADE PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL <i>Carina Fardim Soares</i>	52
6. PLURALIDADE DA INTELIGÊNCIA E INCLUSÃO ESCOLAR: FUNDAMENTOS TEÓRICOS E IMPLICAÇÕES JURÍDICO-EDUCACIONAIS <i>Claudiene Alves da Silva</i>	61
7. O PAPEL DO PROFESSOR MEDIADOR NA FORMAÇÃO DO LEITOR CRÍTICO <i>Denise Teixeira Santos Menezes</i>	68
8. RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: IDENTIDADES E SUBJETIVIDADES NA INFÂNCIA <i>Diego Agostinho Dynczki</i>	75
9. TECNOLOGIA, INFÂNCIA E EDUCAÇÃO INFANTIL <i>Edna Farias Cordeiro</i>	85
10. A IMPORTÂNCIA DA GEOGRAFIA PARA A SOCIEDADE <i>Emanuel Ramos Barra</i>	90
11. A HUMANIZAÇÃO NOS SERVIÇOS DE PSICOLOGIA: ESTUDO DE CASO NO HOSPITAL PSIQUIÁTRICO DE LUANDA <i>Esmael Joaquim Machado</i>	95
12. DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM E DA IMAGINAÇÃO ATRAVÉS DA NARRATIVA ORAL <i>Flávia de Fatima Seraphim Ribeiro</i>	100
13. GESTÃO DA CARREIRA NO INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO DE LUANDA E NO INSTITUTO SUPERIOR POLITÉCNICO TOCOÍSTA <i>Guilherme Mateus Moma</i>	106
14. GESTÃO DE RESÍDUOS HOSPITALARES EM ANGOLA: CASO DE ESTUDO "HOSPITAL PEDIÁTRICO DAVID BERNARDINO" <i>João Francisco Marcelino</i>	114
15. A POSSIBILIDADE DAS ARTES, DOS BRINQUEDOS E DAS BRINCADEIRAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL <i>Joice Botelho Silva</i>	120
16. IMPLICAÇÕES DO SISTEMA POLÍTICO NO DESENVOLVIMENTO ECONÓMICO LOCAL NO MUNICÍPIO DE BOLONGONGO (CUANZA NORTE, ANGOLA, 2002-2026) <i>José Manuel dos Santos</i>	126
17. LINGUAGENS DAS INFÂNCIAS: ESCUTA, INVESTIGAÇÃO E DESCOBERTAS <i>Lilian Silvana Minho Zanetta</i>	133
18. A MUSICALIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: CONTRIBUIÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO COGNITIVO, LINGUAGEM E INCLUSÃO <i>Luciana Cardoso de Souza</i>	140
19. A MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA E O MATERIAL DIDÁTICO NO ENSINO DE GEOGRAFIA NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: DESAFIOS PARA A CONSTRUÇÃO DO PENSAMENTO ESPACIAL CRÍTICO <i>Luciane de Jesus Mineiro de Lima</i>	144
20. O BRINCAR COMO EIXO DO DESENVOLVIMENTO E DA APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL <i>Lusilene da Rocha Alves</i>	153
21. A CONFISSÃO COMO EFEITO DA REVELIA FACE A NECESSIDADE DA REALIZAÇÃO DA JUSTIÇA À LUZ DO CÓDIGO DE PROCESSO CIVIL ANGOLANO <i>Manuel Dungula Samaia Chivinga</i>	158
22. BAIXA ADEÇÃO AO APOIO PSICOLÓGICO NO INSTITUTO SUPERIOR POLITÉCNICO DE OLINDA RODRIGUES <i>Manuel Paulo Chamorro</i>	167
23. A CULTURA DA LEITURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: MEDIAÇÃO, EXPERIÊNCIA E FORMAÇÃO LEITORA <i>Marcilene Belisse Pazos</i>	175
24. A IMPORTÂNCIA DAS ROTINAS PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL PARA A CONSTRUÇÃO DA AUTONOMIA E DOS HÁBITOS DE APRENDIZAGEM <i>Maria de Lourdes Ferreira da Silva</i>	178
25. EFEITOS DA PRIVAÇÃO DO SONO NOTURNO SOBRE O RENDIMENTO ACADÊMICO DE UNIVERSITÁRIOS <i>Mario Adelino Miranda Guedes</i>	183
26. BRINQUEDOS, CORPOS E EXPECTATIVAS: A CONSTRUÇÃO SOCIAL DO GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL <i>Mirella Clerici</i>	188
27. SAÚDE MENTAL DE JOVENS NA CONTEMPORANEIDADE: DESAFIOS PSICOSSOCIAIS E IMPLICAÇÕES PARA A EDUCAÇÃO <i>Moizes Antonio dos Santos</i>	199
28. A INTEGRAÇÃO ENTRE AS TECNOLOGIAS E O LETRAMENTO <i>Orlaneide Ferreira Santos Diamante</i>	212
29. FAMÍLIA E ESCOLA COMO CONTEXTOS COMPLEMENTARES NA FORMAÇÃO DA CRIANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL <i>Renato Souza de Oliveira Carvalho</i>	217

**ESTA REVISTA É MANTIDA E FINANCIADA POR PROFESSORAS E PROFESSORES.
SUA DISTRIBUIÇÃO É, E SEMPRE SERÁ, LIVRE E GRATUITA.**

A **REVISTA PRIMEIRA EVOLUÇÃO** é um projeto editorial idealizado pela **Edições Livro Alternativo** com o objetivo de **empoderar e inspirar educadores** na jornada de compartilhar suas pesquisas, estudos, experiências e relatos de vivências.

UM CORPO EDITORIAL DE EXCELÊNCIA:

Nossa equipe conta com especialistas, mestres e doutores(as), todos com vasta experiência na rede pública de ensino, além de profissionais experientes nas áreas do livro e da tecnologia da informação. Essa expertise garante a qualidade e o rigor científico das publicações da revista.

INDEPENDÊNCIA E AUTONOMIA:

Um dos nossos diferenciais é a total independência, viabilizada pelo **financiamento colaborativo de professores e professoras**. Essa autonomia nos permite defender a liberdade de expressão e a diversidade de ideias, priorizando a qualidade dos conteúdos e o impacto positivo na educação.

PROPÓSITOS QUE IMPULSIONAM A TRANSFORMAÇÃO:

- **Promover o debate** crítico e reflexivo sobre os diversos aspectos da educação, com base nas vivências, pesquisas, estudos e experiências dos profissionais da área;
- **Proporcionar a publicação** de livros, artigos e ensaios que contribuam para o aprimoramento da educação e o desenvolvimento profissional dos educadores;
- **Apoiar a publicação** de obras de autores independentes, democratizando o acesso à informação e promovendo a diversidade de vozes;
- **Incentivar o uso de softwares livres** na produção de materiais didáticos e na difusão do conhecimento, promovendo a inclusão digital e a redução de custos;
- **Fomentar a produção de livros** por professores e autores independentes, reconhecendo e valorizando a experiência e o saber dos profissionais da educação;

PRINCÍPIOS QUE GUIAM A NOSSA ATUAÇÃO:

- **Priorizar trabalhos voltados para a educação**, cultura e produções independentes, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e democrática;
- **Utilizar exclusivamente softwares livres** na produção de livros, revistas e materiais de divulgação, promovendo a transparência, a colaboração e a acessibilidade;
- **Incentivar a produção de obras coletivas** por profissionais da educação, fomentando a colaboração e o compartilhamento de conhecimentos;
- **Publicar e divulgar livros de professores** e autores independentes, valorizando a diversidade de vozes e perspectivas na educação;
- **Respeitar a liberdade e autonomia** dos autores, garantindo a originalidade e a autenticidade das obras publicadas;
- **Combater o despotismo, o preconceito e a superstição**, defendendo os valores da democracia, da tolerância e do respeito à diversidade;
- **Promover a diversidade e a inclusão**, valorizando as diferentes culturas, identidades e experiências presentes na comunidade educacional.

A REVISTA PRIMEIRA EVOLUÇÃO é um movimento pela transformação da educação, um espaço para a colaboração, o aprendizado e a inovação.

Junte-se a nós e faça parte da construção de um futuro mais promissor para a educação!

INSTITUIÇÕES PARCEIRAS



Indexadores:



Filiada à:



Produzida exclusivamente com utilização de softwares livres



Platform & workflow by OJS / PKP



A MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA E O MATERIAL DIDÁTICO NO ENSINO DE GEOGRAFIA NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: DESAFIOS PARA A CONSTRUÇÃO DO PENSAMENTO ESPACIAL CRÍTICO

Luciane de Jesus Mineiro de Lima¹

RESUMO

A Educação a Distância tem se consolidado como uma modalidade relevante no cenário educacional brasileiro, ampliando o acesso ao ensino superior e possibilitando novas formas de organização do processo de ensino e aprendizagem. Entretanto, sua expansão também tem suscitado questionamentos quanto à qualidade da formação, especialmente em áreas específicas como a Geografia. Este artigo analisa o papel da mediação pedagógica e do material didático no ensino de Geografia na modalidade a distância, considerando suas implicações para a construção do pensamento espacial crítico e para a formação docente. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de natureza bibliográfica e exploratória, articulada a uma análise reflexiva da prática docente no ensino fundamental, compreendida como elemento de problematização e de construção teórica. O referencial teórico mobiliza autores da Educação e da Geografia, como Moran, Belloni, Almeida, Cavalcanti, Callai, Pontuschka, Milton Santos e Ruy Moreira. Os resultados indicam que a efetividade da EaD no ensino de Geografia depende da articulação entre material didático contextualizado, mediação pedagógica intencional e estratégias que promovam a leitura crítica do espaço vivido, evitando abordagens tecnicistas. Conclui-se que a formação docente em Geografia na EaD requer a integração entre fundamentos teóricos da área, práticas pedagógicas significativas e uso crítico das tecnologias.

Palavras-chave: Educação a Distância; Ensino de Geografia; Mediação Pedagógica; Pensamento Espacial; Formação Docente.

1. INTRODUÇÃO

A ampliação do acesso ao ensino superior configura-se como um dos principais desafios educacionais da contemporaneidade, sobretudo em contextos marcados por desigualdades sociais e territoriais. Nesse cenário, a Educação a Distância vem se consolidando como uma modalidade estratégica, não apenas por ampliar o acesso à formação, mas por tensionar as formas tradicionais de ensinar e aprender, ao reorganizar tempos, espaços e dinâmicas educativas. No entanto, a expansão da EaD traz consigo a

necessidade de problematizar as condições em que se realiza o processo formativo, especialmente no que se refere à qualidade da mediação pedagógica e à elaboração de materiais didáticos.

No Brasil, a expansão da EaD está diretamente associada ao avanço das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) e à crescente conectividade digital, elementos que têm redefinido as formas de produzir, acessar e compartilhar o conhecimento (MORAN, 2015). Entretanto, embora essa modalidade amplie o acesso, ela também suscita questionamentos

¹ Graduada em Geografia e Pedagogia. Pós-graduada em Educação Ambiental; Formação de Docentes para o Ensino Superior; Letramento. Com Especialização em Ludopedagogia e atuação em todas as modalidades de ensino. Professora de Educação Infantil e Ensino Fundamental I, na Prefeitura Municipal de São Paulo, SME, PMSP.

acerca da qualidade da formação oferecida, especialmente no que se refere à mediação pedagógica e à elaboração de materiais didáticos adequados às especificidades do ensino a distância.

No campo da Licenciatura em Geografia, essa discussão torna-se ainda mais relevante, uma vez que o ensino dessa área não se limita à transmissão de conteúdos, mas envolve a construção de uma leitura crítica do espaço geográfico e das relações que o constituem. Ensinar Geografia implica possibilitar ao estudante compreender o espaço como resultado de processos históricos, sociais e culturais, exigindo uma abordagem pedagógica que articule teoria e prática e que favoreça a análise e a interpretação da realidade.

Apesar da crescente produção sobre Educação a Distância, observa-se que muitas discussões permanecem no âmbito da pedagogia geral, sem considerar as especificidades das áreas do conhecimento. No caso da Geografia, essa lacuna se expressa na ausência de reflexões que articulem os fundamentos da EaD com a didática da disciplina, resultando em práticas que, muitas vezes, reduzem o ensino ao uso instrumental de tecnologias.

Diante desse contexto, este artigo tem como objetivo analisar o papel da mediação pedagógica e do material didático no ensino de Geografia na Educação a Distância, destacando suas implicações na construção do pensamento espacial crítico e na formação docente. Parte-se da compreensão de que a qualidade da EaD não pode ser reduzida à dimensão tecnológica, mas deve ser analisada a partir da intencionalidade pedagógica que orienta o processo educativo.

Para tanto, adota-se uma abordagem qualitativa, de natureza bibliográfica e exploratória, fundamentada em autores que discutem a Educação a Distância, os processos de aprendizagem e a formação de professores. Ao propor essa análise, busca-se contribuir para o aprofundamento das discussões sobre a qualidade da EaD, especialmente no que se refere à formação de professores em áreas que demandam leitura crítica e contextualizada da realidade, como a Geografia.

2. FUNDAMENTOS TEÓRICOS DO ENSINO DE GEOGRAFIA

O ensino de Geografia tem sido historicamente marcado por diferentes concepções, que

refletem modos distintos de compreender o espaço e o papel da educação. A superação de abordagens tradicionais, centradas na memorização de conteúdos, tem sido impulsionada por perspectivas críticas que valorizam a compreensão das relações socioespaciais e a formação de sujeitos capazes de interpretar o mundo em que vivem.

Cavalcanti destaca que o ensino de Geografia deve possibilitar ao estudante compreender o espaço como produto das relações sociais, enfatizando a necessidade de práticas pedagógicas que promovam a reflexão e a análise crítica. Nessa perspectiva, o aluno deixa de ser um receptor passivo de informações e passa a atuar como sujeito ativo na construção do conhecimento.

Callai contribui para essa discussão ao enfatizar o conceito de lugar como elemento central no ensino de Geografia, ressaltando que a aprendizagem torna-se mais significativa quando os conteúdos estão relacionados à realidade vivida pelos estudantes. Essa abordagem possibilita a construção de vínculos entre o conhecimento científico e a experiência cotidiana, favorecendo a compreensão do espaço de forma contextualizada.

Pontuschka destaca a importância de articular teoria e prática no ensino de Geografia, defendendo que a formação docente deve contemplar não apenas o domínio dos conteúdos, mas também a compreensão das metodologias que possibilitam a construção do conhecimento geográfico. Essa articulação torna-se fundamental para a efetividade do ensino, especialmente em contextos mediados por tecnologias.

As contribuições de Milton Santos ampliam essa compreensão ao definir o espaço como um conjunto indissociável de sistemas de objetos e de ações, evidenciando sua dimensão histórica e social. Essa concepção desloca o ensino de Geografia para uma perspectiva interpretativa, na qual o estudante é convidado a compreender as dinâmicas que estruturam o espaço. Ruy Moreira, ao discutir a organização do espaço, reforça a necessidade de uma abordagem integrada, que considere as múltiplas dimensões que compõem a realidade geográfica.

3. A EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA NA CONTEMPORANEIDADE

A Educação a Distância (EaD) configura-se como uma das expressões mais significativas das transformações educacionais ocorridas na

contemporaneidade, estando diretamente relacionada às mudanças tecnológicas, econômicas e socioculturais que caracterizam a sociedade da informação. Nesse cenário, a ampliação do acesso às tecnologias digitais e às redes de comunicação tem possibilitado novas formas de interação, produção e disseminação do conhecimento, impactando profundamente os modelos tradicionais de ensino.

Segundo Moran (2015), a educação contemporânea está inserida em um contexto de intensa conectividade, no qual os processos de aprendizagem ultrapassam os limites físicos da sala de aula e passam a ocorrer em múltiplos espaços e tempos. Sob essa perspectiva, a EaD não deve ser compreendida apenas como uma alternativa metodológica, mas como parte de uma reconfiguração mais ampla das práticas educativas, marcada pela flexibilidade, pela personalização do ensino e pela centralidade do estudante no processo de aprendizagem.

Belloni (2009) destaca que a EaD se insere em um modelo educacional que dialoga com as demandas da sociedade contemporânea, caracterizada pela necessidade de formação contínua e pela valorização do conhecimento como recurso estratégico. Dessa forma, a educação deixa de ser um processo restrito a determinados períodos da vida e passa a assumir um caráter permanente, acompanhando as transformações do mundo do trabalho e das relações sociais.

Nesse contexto, a Educação a Distância (EaD) contribui significativamente para a democratização do acesso à educação, ao possibilitar que sujeitos historicamente excluídos do ensino superior tenham acesso à formação acadêmica. A flexibilidade de horários, a redução de custos com deslocamento e a possibilidade de estudar em diferentes ritmos de aprendizagem são fatores que ampliam o alcance dessa modalidade, tornando-a especialmente relevante em países marcados por profundas desigualdades territoriais e sociais.

Entretanto, a expansão da EaD também traz consigo desafios importantes. Um dos principais refere-se à garantia da qualidade do ensino, uma vez que a simples disponibilização de conteúdos em ambientes virtuais não assegura, por si só, a aprendizagem significativa. Moran (2015) enfatiza que a eficácia da EaD depende da integração entre

tecnologias, metodologias e mediação pedagógica, sendo fundamental a construção de propostas educativas que promovam o engajamento e a participação ativa dos estudantes.

Outro aspecto relevante diz respeito à autonomia do aluno, frequentemente apontada como uma característica central da EaD. Embora a autonomia seja um elemento desejável no processo educativo, ela exige o desenvolvimento de competências específicas, como organização do tempo, disciplina e capacidade de autoaprendizagem. Nesse sentido, a ausência de acompanhamento pedagógico efetivo pode contribuir para dificuldades de adaptação e até mesmo para a evasão.

Soma-se a isso, a EaD redefine o papel do professor, que passa a atuar como mediador do conhecimento, organizador de experiências de aprendizagem e facilitador de processos interativos. Essa mudança implica a necessidade de formação docente específica, que contemple não apenas o domínio dos conteúdos, mas também o uso pedagógico das tecnologias digitais e a compreensão das dinâmicas próprias dos ambientes virtuais de aprendizagem.

A contemporaneidade também impõe à EaD o desafio de lidar com a diversidade dos sujeitos que dela participam. Os estudantes apresentam diferentes níveis de familiaridade com as tecnologias, distintos contextos socioculturais e variadas expectativas em relação ao processo educativo. Dessa forma, torna-se fundamental a adoção de estratégias pedagógicas inclusivas, que considerem essas diferenças e promovam a equidade no acesso ao conhecimento.

Em síntese, é importante destacar que a EaD não deve ser compreendida como substituta do ensino presencial, mas como uma modalidade complementar, que amplia as possibilidades educativas e contribui para a construção de um sistema educacional mais flexível e inclusivo. Sua consolidação depende, portanto, de políticas públicas consistentes, investimentos em infraestrutura tecnológica e formação continuada de professores.

Assim, a Educação a Distância, inserida no contexto da contemporaneidade, revela-se como um campo em constante transformação, que exige reflexão crítica e compromisso com a qualidade da educação.

Mais do que uma modalidade, ela representa uma nova forma de pensar o ensino e a aprendizagem, na qual o conhecimento circula, se reconstrói e se reinventa em múltiplos espaços e tempos.

4. A EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA E O ENSINO DE GEOGRAFIA

A Educação a Distância representa uma reconfiguração das práticas educativas, ao incorporar tecnologias digitais e possibilitar novas formas de interação entre professores e estudantes. Moran destaca que a educação contemporânea está inserida em um contexto de conectividade, no qual o acesso à informação se amplia significativamente. Belloni, por sua vez, enfatiza a necessidade de um planejamento pedagógico articulado, que integre diferentes dimensões do processo educativo.

No entanto, reduzir a qualidade da EaD ao uso de tecnologias constitui um equívoco recorrente, pois sua efetividade depende, sobretudo, da articulação entre material didático, mediação pedagógica e intencionalidade formativa. No ensino de Geografia, esse desafio se intensifica, uma vez que a compreensão dos conceitos espaciais exige mais do que o acesso a conteúdos, demandando a construção de significados.

5. MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA E MATERIAL DIDÁTICO

No contexto da Educação a Distância (EaD), o material didático assume uma função estruturante no processo de ensino-aprendizagem, ultrapassando o papel tradicional de mero suporte ao conteúdo. Diferentemente do ensino presencial, em que a mediação ocorre predominantemente pela atuação direta do professor, na EaD o material didático torna-se um dos principais mediadores da aprendizagem, sendo responsável por orientar, organizar e estimular o percurso formativo do estudante.

Segundo Belloni (2009), a EaD exige a construção de materiais didáticos especificamente planejados para essa modalidade, considerando as características do público-alvo, os objetivos educacionais e as especificidades do ambiente virtual. Nesse sentido, não se trata de transpor conteúdos do ensino presencial para o formato digital, mas de reconfigurar a linguagem, a estrutura e a proposta

pedagógica, de modo a favorecer a autonomia do estudante e a construção significativa do conhecimento.

A qualidade do material didático está diretamente relacionada à sua capacidade de dialogar com o estudante. Moran (2015) destaca que, em ambientes digitais, a aprendizagem torna-se mais efetiva quando o conteúdo é apresentado de forma clara, interativa e contextualizada, permitindo ao aluno estabelecer conexões entre o conhecimento acadêmico e sua realidade. Assim, o material deve ser elaborado com uma linguagem acessível, mas sem perder o rigor conceitual, incorporando diferentes recursos, como textos, imagens, vídeos e atividades interativas.

Além disso, a mediação pedagógica constitui um elemento central na EaD, sendo responsável por articular o estudante, o conteúdo e o contexto de aprendizagem. Para Almeida (2013), a mediação não se restringe à presença do professor, mas se manifesta nas estratégias pedagógicas, nos recursos tecnológicos e nas formas de interação estabelecidas no ambiente virtual. Trata-se, portanto, de um processo intencional, que visa promover a construção do conhecimento de forma ativa e colaborativa.

Nesse sentido, o material didático deve ser concebido como um dispositivo de mediação, capaz de antecipar dúvidas, orientar percursos e estimular a reflexão crítica. Isso implica a organização do conteúdo em sequências didáticas coerentes, a proposição de atividades que favoreçam a problematização e a inclusão de elementos que incentivem a participação do estudante, como perguntas orientadoras, estudos de caso e situações-problema.

Ademais, a utilização das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) amplia as possibilidades de mediação pedagógica, permitindo a criação de ambientes virtuais dinâmicos e interativos. No entanto, conforme ressalta Moran (2015), o uso das tecnologias deve estar subordinado a uma intencionalidade pedagógica clara, evitando que os recursos digitais sejam utilizados de forma superficial ou descontextualizada.

Outro ponto que merece destaque é a necessidade de considerar a diversidade dos estudantes na elaboração dos materiais didáticos. Diferentes níveis

de letramento digital, estilos de aprendizagem e contextos socioculturais exigem a adoção de estratégias inclusivas, que garantam o acesso e a participação de todos no processo educativo.

Nesse sentido, o material didático deve ser flexível, permitindo diferentes percursos de aprendizagem e respeitando o ritmo individual do estudante. A personalização do ensino, aliada à mediação pedagógica eficaz, contribui para a construção de uma aprendizagem mais significativa e duradoura.

É importante destacar que reduzir a qualidade da EaD ao uso de tecnologias é um equívoco recorrente; sua efetividade está, sobretudo, na articulação entre material didático, mediação pedagógica e intencionalidade formativa. A construção de materiais bem estruturados, aliados a práticas pedagógicas intencionais, constitui um dos principais fatores para o sucesso dessa modalidade de ensino.

Assim, o material didático, quando concebido como instrumento de mediação, deixa de ser um elemento estático e passa a atuar como um agente ativo no processo educativo, promovendo a interação, a reflexão e a construção do conhecimento em ambientes virtuais de aprendizagem.

A mediação pedagógica constitui o eixo central do processo educativo na EaD, sendo responsável por articular o estudante, o conhecimento e o contexto de aprendizagem. Almeida destaca que a mediação envolve a organização do ambiente virtual, a seleção de recursos didáticos e a definição de estratégias que favoreçam a participação ativa do estudante.

No ensino de Geografia, a mediação pedagógica não pode ser reduzida à organização de conteúdos, pois envolve a construção de uma leitura crítica do espaço vivido. O material didático, nesse contexto, assume papel estruturante, devendo ser elaborado de forma a dialogar com o estudante e a promover a compreensão dos conteúdos.

6. PLANEJAMENTO PEDAGÓGICO NA EAD

O planejamento pedagógico na Educação a Distância (EaD) constitui um dos elementos centrais para a garantia da qualidade do processo educativo,

uma vez que essa modalidade exige organização prévia, intencionalidade didática e integração entre diferentes dimensões do ensino. Diferentemente do ensino presencial, em que ajustes podem ser realizados de forma mais imediata durante a aula, na EaD o planejamento assume caráter ainda mais estratégico, pois grande parte das interações e atividades depende de uma estrutura previamente definida.

Nesse contexto, o planejamento pedagógico deve ser compreendido como um processo sistemático e contínuo, que envolve a definição de objetivos de aprendizagem, a seleção e organização dos conteúdos, a escolha de metodologias adequadas, a definição de estratégias de avaliação e a integração de recursos tecnológicos. Belloni (2009) destaca que a EaD exige um planejamento articulado, capaz de integrar aspectos pedagógicos, tecnológicos e comunicacionais, garantindo a coerência do processo educativo.

Um dos elementos fundamentais do planejamento na EaD é o design instrucional, entendido como a organização intencional das experiências de aprendizagem. Esse processo envolve a estruturação dos conteúdos em sequências didáticas coerentes, a definição de atividades que promovam a participação ativa do estudante e a escolha de recursos que favoreçam a compreensão e a interação. Nesse sentido, o planejamento deve considerar não apenas o “o que ensinar”, mas também “como ensinar” e “para quem ensinar”.

Além disso, o planejamento pedagógico na EaD deve estar centrado no estudante, reconhecendo sua diversidade de perfis, experiências e ritmos de aprendizagem. Moran (2015) enfatiza que a educação contemporânea demanda abordagens mais flexíveis e personalizadas, que permitam ao aluno construir seu próprio percurso formativo. Dessa forma, o planejamento deve prever diferentes possibilidades de interação com o conteúdo, respeitando as especificidades individuais.

Outro aspecto relevante refere-se à integração entre teoria e prática. No caso da Licenciatura em Geografia, por exemplo, o planejamento pedagógico deve contemplar atividades que possibilitem a aplicação dos conceitos teóricos em situações concretas, favorecendo a compreensão das dinâmicas socioespaciais. Isso pode ser realizado por meio de

estudos de caso, análises de mapas, interpretação de imagens e outras estratégias que aproximem o conteúdo da realidade do estudante.

A avaliação da aprendizagem também constitui um componente essencial do planejamento pedagógico na EaD. Diferentemente de uma abordagem tradicional centrada em provas pontuais, a EaD demanda estratégias avaliativas diversificadas e contínuas, que permitam acompanhar o desenvolvimento do estudante ao longo do processo. Atividades como fóruns de discussão, projetos colaborativos e produções individuais possibilitam uma avaliação mais formativa, alinhada às propostas contemporâneas de ensino.

A mediação pedagógica, por sua vez, deve estar integrada ao planejamento, sendo concebida desde a elaboração do curso. Almeida (2013) destaca que a mediação não ocorre apenas na interação direta com o professor, mas também na forma como o conteúdo é organizado e apresentado. Assim, o planejamento deve prever momentos de interação, feedback e acompanhamento, garantindo que o estudante não se sinta isolado no processo de aprendizagem.

Outro ponto importante diz respeito ao uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), que desempenham papel fundamental na EaD. No entanto, conforme ressalta Moran (2015), a tecnologia deve ser utilizada como meio e não como fim. O planejamento pedagógico deve, portanto, priorizar a intencionalidade educativa, utilizando os recursos tecnológicos de forma crítica e alinhada aos objetivos de aprendizagem.

Além disso, o planejamento na EaD deve considerar aspectos relacionados à acessibilidade e inclusão, garantindo que todos os estudantes tenham condições de participar efetivamente do processo educativo. Isso envolve a adoção de materiais adaptados, linguagem clara e estratégias que contemplem diferentes formas de aprendizagem.

A formação docente também se apresenta como um elemento indispensável para a efetividade do planejamento pedagógico. Na EaD, essas competências tornam-se ainda mais relevantes, uma vez que o docente atua em um ambiente mediado e dinâmico.

Por fim, é importante destacar que o planejamento pedagógico na EaD não deve ser

compreendido como um processo estático, mas como uma prática reflexiva e em constante construção. A avaliação contínua do curso, o feedback dos estudantes e a análise dos resultados de aprendizagem devem orientar ajustes e aprimoramentos, garantindo a qualidade e a relevância do processo educativo.

Assim, o planejamento pedagógico na Educação a Distância configura-se como um elemento estruturante, que articula objetivos, conteúdos, metodologias, avaliação e tecnologias, contribuindo para a construção de uma aprendizagem significativa, autônoma e contextualizada.

7. O PAPEL DO PROFESSOR NA EAD

O papel do professor na Educação a Distância (EaD) passa por uma significativa ressignificação em relação aos modelos tradicionais de ensino. Longe de atuar como mero transmissor de conteúdos, o docente assume a função de mediador do conhecimento, organizador de experiências de aprendizagem e facilitador de processos interativos, articulando dimensões pedagógicas, tecnológicas e comunicacionais.

Segundo Belloni (2009), a EaD demanda uma redefinição das práticas docentes, uma vez que o ensino ocorre em ambientes mediados por tecnologias, nos quais a presença física é substituída por formas de interação síncronas e assíncronas. Nesse contexto, a atuação do professor não se reduz, mas se expande, exigindo planejamento prévio rigoroso, domínio de diferentes linguagens e capacidade de promover a participação ativa dos estudantes.

A mediação pedagógica constitui o eixo central da atuação docente na EaD. Almeida (2013) destaca que o professor deve criar condições para que a aprendizagem ocorra de forma significativa, organizando o ambiente virtual, propondo atividades desafiadoras e acompanhando o desenvolvimento dos estudantes. Essa mediação envolve não apenas a transmissão de informações, mas a construção de sentidos, o estímulo à reflexão crítica e o incentivo à autonomia.

Moran (2015) ressalta que, em ambientes digitais, o docente deve estruturar o percurso formativo de maneira clara e coerente, oferecendo orientações precisas, cronogramas bem definidos e materiais

didáticos acessíveis. Essa organização contribui para reduzir a sensação de desorientação frequentemente experimentada por estudantes na EaD. Essa afirmação evidencia um aspecto fundamental para a permanência e o engajamento dos estudantes, sobretudo em ambientes mediados por tecnologias. De fato, a estruturação de cronogramas, a clareza das orientações e a acessibilidade dos materiais didáticos contribuem para reduzir a sensação de desorientação, frequentemente relatada por estudantes nessa modalidade. No entanto, ao ser analisada a partir das especificidades do ensino de Geografia, essa perspectiva revela limites que precisam ser problematizados.

Sob essa perspectiva, a organização do percurso formativo, embora necessária, não pode ser compreendida como condição suficiente para a aprendizagem significativa. No ensino de Geografia, o desafio não reside apenas em orientar o estudante sobre o que fazer, mas em possibilitar que ele compreenda o espaço como construção social, histórica e dinâmica. Como indica Milton Santos, o espaço não é um dado neutro, mas um “conjunto indissociável de sistemas de objetos e de ações”, o que implica reconhecer que sua leitura exige processos interpretativos complexos, que não se esgotam em uma organização linear de conteúdos.

Soma-se a isso o fato de que uma estrutura excessivamente rígida pode, paradoxalmente, limitar a construção do pensamento crítico, especialmente quando prioriza o cumprimento de etapas em detrimento da problematização dos conteúdos. No ensino de Geografia, a aprendizagem se fortalece quando o estudante é instigado a questionar, interpretar e relacionar os conceitos ao seu cotidiano, movimento que nem sempre é favorecido por modelos excessivamente padronizados de organização didática.

Além disso, a experiência docente no ensino fundamental evidencia que a aprendizagem em Geografia se torna mais significativa quando há espaço para exploração, investigação e construção coletiva do conhecimento, elementos que nem sempre são contemplados em propostas centradas exclusivamente na organização do percurso. Nesse sentido, a mediação pedagógica precisa ir além da função organizadora, assumindo um papel provocador, que instigue o

estudante a estabelecer relações entre o conteúdo e a realidade vivida.

Dessa forma, embora a contribuição de Moran seja relevante ao enfatizar a importância da organização na EaD, torna-se necessário ampliá-la à luz das especificidades do ensino de Geografia, incorporando uma perspectiva que valorize não apenas a clareza estrutural, mas também a complexidade do processo de construção do conhecimento. Assim, a qualidade da EaD não depende apenas de um percurso bem delineado, mas da capacidade de promover experiências de aprendizagem que articulem organização, mediação e sentido.

A atuação docente na EaD também exige o desenvolvimento de competências tecnológicas. No entanto, conforme enfatiza Moran (2015), o domínio das ferramentas digitais, embora necessário, não é suficiente. O professor deve ser capaz de utilizar as tecnologias de forma pedagógica, alinhando-as aos objetivos de aprendizagem e evitando seu uso meramente instrumental.

Além disso, o docente desempenha um papel essencial no acompanhamento e na avaliação da aprendizagem. A EaD demanda práticas avaliativas contínuas e formativas, que permitam identificar dificuldades, orientar o estudante e promover ajustes no processo educativo. Nesse contexto, o feedback assume papel central, devendo ser claro, construtivo e oportuno, contribuindo para o desenvolvimento do aluno.

Outro elemento importante é a dimensão afetiva da aprendizagem. A ausência de contato presencial pode gerar sentimentos de isolamento e desmotivação, tornando fundamental a atuação do professor na criação de vínculos e no estímulo à participação. A comunicação empática, a presença constante no ambiente virtual e o reconhecimento do esforço dos estudantes são estratégias que contribuem para fortalecer o engajamento.

8. A EXPERIÊNCIA DOCENTE COMO ELEMENTO DE ANÁLISE

A reflexão sobre o ensino de Geografia na Educação a Distância pode ser significativamente aprofundada quando a prática docente é assumida como categoria analítica, e não apenas como relato

empírico. Compreendida dessa forma, a experiência no ensino fundamental torna-se um campo privilegiado de problematização, na medida em que revela, em sua concretude, as condições reais de produção do conhecimento geográfico, evidenciando tensões, limites e possibilidades do processo educativo.

No cotidiano da sala de aula, observa-se que o engajamento dos estudantes não decorre apenas da organização dos conteúdos ou da clareza das explicações, mas, sobretudo, da capacidade de estabelecer relações entre os conceitos geográficos e as experiências vividas. Quando o ensino mobiliza o espaço do bairro, os trajetos cotidianos, as transformações da paisagem local ou as dinâmicas sociais percebidas pelos próprios alunos, ocorre um deslocamento significativo no processo de aprendizagem, que passa a ser marcado pela construção de sentido. Essa perspectiva dialoga diretamente com Helena Copetti Callai, ao enfatizar o lugar como dimensão central da aprendizagem, entendendo-o como espaço vivido e carregado de significados.

Nesse contexto, práticas como o uso de mapas, a leitura de imagens, as aulas de campo e as pesquisas orientadas na internet não se configuram apenas como recursos metodológicos, mas como dispositivos de mediação que possibilitam ao estudante interpretar o espaço de forma crítica. Ao trabalhar com mapas, por exemplo, não se trata apenas de localizar informações, mas de compreender relações espaciais, escalas e representações. Do mesmo modo, a aula de campo, ao aproximar o estudante da realidade, possibilita a articulação entre teoria e prática, favorecendo a construção de um olhar investigativo sobre o espaço.

Essa experiência evidencia que a aprendizagem em Geografia não ocorre de maneira espontânea, nem se reduz ao acesso à informação, sendo resultado de uma mediação pedagógica intencional que orienta o estudante na construção do conhecimento. Conforme aponta Lana Cavalcanti, o ensino de Geografia deve possibilitar ao aluno compreender a realidade em que vive, o que implica reconhecer que a aprendizagem está diretamente relacionada à capacidade de interpretar o espaço a partir de múltiplas dimensões.

Ao trazer essa compreensão para o contexto da Educação a Distância, torna-se evidente que o desafio

não reside na ausência do espaço físico da sala de aula, mas na forma como o processo educativo é concebido e organizado. A supressão de práticas presenciais, como a aula de campo, não deve ser interpretada como um limite intransponível, mas como um convite à reinvenção pedagógica. Nesse sentido, estratégias como a análise de imagens de satélite, o uso de mapas interativos, a construção de narrativas espaciais e a investigação de problemas locais mediada por tecnologias podem cumprir funções semelhantes, desde que orientadas por uma intencionalidade pedagógica clara.

Entretanto, essa transposição não pode ocorrer de maneira automática ou acrítica. Existe o risco de que, ao migrar para ambientes digitais, o ensino de Geografia se reduza a uma sequência de atividades descontextualizadas, centradas no cumprimento de tarefas, o que compromete a construção do pensamento espacial. Como adverte Milton Santos, o espaço é resultado de relações sociais e, portanto, sua compreensão exige análise, interpretação e problematização, dimensões que não podem ser substituídas por uma lógica meramente instrumental do uso de tecnologias.

Além disso, a experiência docente evidencia que a mediação pedagógica não se limita à organização do percurso formativo, mas envolve a capacidade de provocar, questionar e instigar o estudante. No ensino presencial, essa mediação ocorre por meio do diálogo, da escuta e da intervenção direta do professor. Na EaD, essa mesma mediação precisa ser reconstruída por meio de estratégias que garantam interação significativa, acompanhamento contínuo e feedback qualificado, evitando que o estudante se torne apenas um executor de tarefas.

Outro aspecto relevante diz respeito à autonomia do estudante, frequentemente associada à Educação a Distância. Embora a autonomia seja um objetivo desejável, a experiência docente indica que ela não é um dado inicial, mas uma construção que depende de mediação, orientação e suporte pedagógico. Nesse sentido, a ausência de acompanhamento pode resultar não em autonomia, mas em desengajamento, evidenciando a importância da presença pedagógica mesmo em ambientes virtuais.

Dessa forma, ao assumir a experiência docente como elemento de análise, este estudo evidencia que o ensino de Geografia na EaD exige mais do que a adaptação de conteúdos ou a incorporação de tecnologias. Exige a reconstrução das práticas pedagógicas a partir das especificidades da área, considerando que a aprendizagem geográfica está intrinsecamente relacionada à leitura crítica do espaço. Assim, a qualidade do processo educativo não depende apenas da modalidade, mas da capacidade de articular teoria, prática e mediação em uma proposta pedagógica que faça sentido para o estudante.

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise desenvolvida evidencia que o ensino de Geografia na Educação a Distância exige a superação de abordagens genéricas e tecnicistas, sendo necessário considerar as especificidades da área e a centralidade da mediação pedagógica. A incorporação de autores da Geografia permite ampliar a compreensão do processo educativo, fortalece a discussão e evidencia que ensinar Geografia implica possibilitar ao estudante a leitura crítica do espaço.

A experiência docente, compreendida como elemento de análise, contribui para problematizar as práticas educativas e para evidenciar a importância da mediação intencional, construindo uma perspectiva mais situada e crítica, respondendo às demandas apontadas pela literatura. Conclui-se que a Educação a Distância pode contribuir para a formação docente em Geografia, desde que orientada por princípios pedagógicos sólidos e por uma intencionalidade formativa consistente. A qualidade da formação depende da articulação entre material didático, mediação pedagógica e intencionalidade formativa, elementos fundamentais para a construção do pensamento espacial crítico.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação**. Campinas: Papirus, 2013.
- BELLONI, Maria Luiza. **Educação a distância**. 5. ed. Campinas: Autores Associados, 2009.
- CALLAI, Helena Copetti. O estudo do lugar no ensino de Geografia. In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos (org.). **Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, 2000.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. **A geografia escolar e a cidade**.

Campinas: Papirus, 2008.

MORAN, José Manuel. **A educação que desejamos**. Campinas: Papirus, 2015.

MOREIRA, Ruy. **O que é Geografia**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib; PAGANELLI, Tomoko Iyda; CACETE, Núria Hanglei. **Para ensinar e aprender Geografia**. São Paulo: Cortez, 2009.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. São Paulo: Edusp, 2006.



5 Anos.
uma essên

www.primeiraevolucao.com.br



O FIO INDIVISÍVEL DA EDUCAÇÃO

ROGÉRIO GONÇALVES revela como a união entre Educação em Direitos Humanos, Educomunicação e Gestão Democrática contribui para a melhoria do ensino público no município de São Paulo.



MUITO ALÉM DAS PÁGINAS



www.primeiraevolucao.com.br



<https://doi.org/10.52078/2675-2573.rpe.64>



COORDENAÇÃO:

- Prof. Dr. Manuel Francisco Neto
- Profa. Ma. Maria Mbuanda Caneca Gunza Francisco
- Profa. Esp. Vilma Maria da Silva

AUTORES(AS):

- Adriana Silva de Santana Barros
- Aldair de Jesus Adão e Calunda dos Santos Jorge
- Ana Cristina Ogando Gomez de Carvalho
- Ana Elisa Bagi de Oliveira
- Carina Fardim Soares
- Claudiene Alves da Silva
- Denise Teixeira Santos Menezes
- Diego Agostinho Dynczuki
- Edna Farias Cordeiro
- Emanuel Ramos Barra
- Esmael Joaquim Machado
- Flávia de Fatima Seraphim Ribeiro
- Guilherme Mateus Moma
- João Francisco Marcelino
- Joice Botelho Silva
- José Manuel dos Santos
- Lilian Silvana Minho Zanetta
- Luciana Cardoso de Souza
- Luciane de Jesus Mineiro de Lima
- Lusilene da Rocha Alves
- Manuel Dungula Samaiata Chivinga
- Manuel Paulo Chamorro
- Marcelene Belisse Pazo
- Maria de Lourdes Ferreira da Silva
- Mario Adelino Miranda Guedes
- Mirella Clereci
- Moizes Antonio dos Santos
- Orlaneide Ferreira Santos Diamante
- Renato Souza de Oliveira Carvalho

Indexadores:



Filiada à:



Produzida exclusivamente com utilização de softwares livres



Parceiros:

